CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 2).

O século XXI está imerso no processo de explosão informacional, das novas tecnologias de informação e comunicação e do ciberespaço, do mercado globalizado, do uso da comunicação digital e da Internet. Do mesmo modo, e pelos mesmos canais, nossa vida é afetada por crises econômicas, pelas transformações radicais no modo de trabalho, pela busca de uma nova identidade e construção da cidadania. A sociedade que nos absorve na velocidade da luz é a mesma que nos ofusca os olhos e nos deixa cegos.

Uma referência marcante dessa nova era é o escritor espanhol Manuel Castells, catedrático em sociologia e planejamento urbano e regional na Universidade da Califórnia e membro titular da Academia Européia. Publicou mais de 20 livros, entre eles, a trilogia *A era da informação: economia, sociedade e cultura.*

Para a publicação do segundo volume dessa trilogia, *O poder da identidade,* o autor reúne idéias e análises de 25 anos de estudos sobre movimentos sociais[1] e processos políticos de várias regiões do mundo, discutidas a luz da teoria da Era da Informação. Castells examina as duas grandes tendências conflitantes que moldam a sociedade da informação: a globalização e a identidade. Estuda a sociedade em rede, no âmbito da revolução tecnológica e informacional e da nova economia, analisando as características dela decorrentes: globalização da economia, flexibilidade e instabilidade do emprego, individualidade de mão-de-obra, a "realidade midiatizada", o espaço de fluxos e o tempo intemporal, etc.

Em contrapartida, ressalta o surgimento de uma onda poderosa de identidade coletiva que desafia a globalização e o cosmopolitismo em função da singularidade cultural e autocontrole individual. Nesse sentido, o autor fundamenta a discussão nos movimentos sociais e na política, como resultantes da interação entre a globalização induzida pela tecnologia, o poder da identidade e as instituições do Estado. Faz uma lúcida análise dessa sociedade conectada pela convergência de telecomunicações, computadores e redes. Enfatiza que devemos compreender a nossa contraditória pluralidade, por ser o multiculturalismo o fator transformador da globalização tecnoeconômica. Decorrente desses entremeios, o título *O poder da identidade.*

O método utilizado pelo autor reúne o estudo de caso, a observação participante, a comparação e a análise empírica, atrelados à teoria sociológica. Busca transmitir a teoria por meio de análises da prática e da observação dos movimentos sociais em diversos contextos, tencionando compreender os mecanismos de mudanças a partir de reflexões sobre a nova sociedade. Desse modo, elabora reflexões acerca dos Estados Unidos, Europa Ocidental, Rússia, México, Bolívia, Islã, China e Japão, com seus processos sociais distintos, mas inter-relacionados quanto ao seu significado.

No primeiro capítulo, *Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede*, Castells define identidade como a fonte de significado e experiências de um povo. Processo de construção de significado com base em um atributo cultural. Conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado.

---

[1] *Ações coletivas com um determinado propósito cujo resultado tanto em caso de sucesso como de fracasso, transforma os valores e instituições da sociedade. (...) Não existem movimentos sociais "bons" ou "maus", progressistas ou retrógrados. São eles reflexos do que somos, caminhos de nossa transformação...* (Castells, 2000, p. 20).

Concentra-se na identidade coletiva e concorda com o ponto de vista sociológico de que toda e qualquer identidade é construída. Acrescenta que essa construção social sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder e propõe uma distinção entre três formas e origens de construção de identidades: *Identidade legitimadora*; *Identidade de resistência* (tipo mais importante de construção de identidade em nossa sociedade).; e *Identidade de projeto*, que para nós, é a nova identidade a ser conquistada. "Cada tipo de processo de construção de identidade leva a um resultado distinto no que tange à constituição da sociedade" (CASTELLS, 2000, p. 24).

Nesse sentido, estuda os tipos de identidades relacionadas ao contexto específico do surgimento da sociedade em rede e examina os processos fundamentais para a construção da identidade coletiva. Assim, discorre sobre o fundamentalismo religioso, o nacionalismo, a identidade étnica, a identidade territorial e apresenta linhas de questionamento resultantes de processos contemporâneos de (re)construção de identidade com base na resistência comunal. Conclui que esses processos são reações defensivas a três ameaças da sociedade neste fim de milênio: à globalização; à formação de redes e à flexibilidade; e à crise da família patriarcal.

No segundo capítulo, *A outra face da Terra: movimentos sociais contra a nova ordem global,* o autor analisa três movimentos que se opõem explicitamente à nova ordem global dos anos 90, inseridos em contextos extremamente diferenciados e veiculados por ideologias profundamente contrastantes. Para tanto, baseia-se na tipologia de Alain Touraine de acordo com os princípios de *identidade* do movimento, *adversário* do movimento e visão ou modelo social do movimento (*meta* societal).

Estuda os zapatistas em Chiapas, México, primeiro movimento de guerrilha informacional; as milícias norte-americanas, que utilizaram a Internet como principal instrumento de expansão e organização do movimento; e a *Aum Shinrikyo* (Verdade Suprema), uma seita japonesa, que utiliza recursos e equipamentos eletrônicos e avançada tecnologia bélica. *"*Em qualquer um desses três casos, existe um apelo à autenticidade de seu princípio de identidade [...] Tais identidades baseiam-se na especificidade cultural e no desejo de controle de seu próprio destino*"* (CASTELLS, 2000, p. 132). Percebemos que a formação de grupos se estabelece mediante o desejo comum de busca da identidade.

O terceiro capítulo, *O "verdejar" do ser: o movimento ambientalista,* é uma análise do movimento ambientalista, com posição de destaque no cenário atual, envolvendo candidatos e partidos, instituições internacionais e grandes empresas, que intencionam proteger a natureza, melhorar a qualidade de vida e em longo prazo, salvar o planeta.

Castells avalia o potencial transformador do movimento, estabelece uma diferenciação tipológica dos componentes que o integram, baseando-se na mesma tipologia de Alain Touraine para os movimentos sociais, apresentando a *preservação da natureza, a mobilização das comunidades locais em defesa de seu espaço, o ambientalismo contracultural,* o *Greenpeace* e a *política verde.* Diferencia ambientalismo e ecologia, de forma que *o "*ambientalismo é a ecologia na prática, e a ecologia é o ambientalismo na teoria*"* (CASTELLS, 2000, p. 144).

O autor enfatiza questões acerca da preservação da natureza, a busca da qualidade ambiental e uma perspectiva de vida ecológica, através de quatro linhas de discurso: uma relação estreita e ao mesmo tempo ambígua com a ciência e a tecnologia; o ambientalismo é um movimento com base na ciência; o controle sobre o espaço e a ênfase na localidade e; o controle sobre o tempo. Analisa os meios de atuação (TV,

rádio, jornal, Internet) empregados pelos movimentos ambientalistas em relação à sociedade. Ressalta a relação entre o movimento e as lutas sociais, como um passo importante a caminho de projetos alternativos em busca de sua identidade.

O quarto capítulo, *O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação,* é discutido por Castells baseando-se na questão do patriarcalismo, caracterizado pela autoridade do homem sobre a mulher e filhos no âmago familiar *versus* o movimento feminista, que vem contestando a família patriarcal. Discute temas como a heterossexualidade e as transformações da personalidade e da estrutura familiar. Esses fatores decorrem das transformações da sociedade atual, quais sejam: economia global informacional e abertura no mercado de trabalho; mudanças tecnológicas no processo de reprodução da espécie e o impulso poderoso promovido pela luta do movimento feminista. A verdadeira tarefa desses movimentos é descobrir a identidade e permitir a conscientização e reconstrução da personalidade.

No quinto capítulo, *Um Estado destituído de poder?,* o autor afirma que o controle do Estado vem perdendo espaço para os fluxos globais de capital, produto, serviços, tecnologia, comunicação e informação. Os cidadãos estão tornando-se indiferentes em relação ao Estado-Nação. O que ocorre é a prosperação do capitalismo global e das ideologias nacionalistas e a perda do poder pelo Estado-Nação, embora sua influência permaneça. A globalização compromete a capacidade instrumental do Estado. Outras discussões cercam o Estado-Nação na era do multilateralismo: o governo global e o super Estado-Nação; identidades, governos locais e a desconstrução do Estado-Nação; a crise do Estado-Nação, sua estrutura e processo; a identificação do Estado; o povo contra o Estado; a teoria do Estado.

Para elucidar essa questão (Estado/globalização), o autor por meio da análise de tabelas de seis países cuja economia se sobressai aos demais, fornece uma visão geral sobre alguns indicadores da atividade econômico-financeira dos governos, relativa ao processo de internacionalização das economias. Conclui que existem condições para uma crise fiscal internacional do Estado-Nação.

Segundo Castells (2000, p. 298) "o Estado-Nação enfrenta três grandes desafios inter-relacionados: a globalização e não-exclusividade da propriedade; flexibilidade e capacidade de penetração da tecnologia; e autonomia e diversidade da mídia*."* Acrescentaríamos a organização da sociedade civil em movimentos sociais participantes como uma quarta ameaça à soberania do Estado. Nessa conjuntura, consideramos indispensável a relação feita entre o poder do Estado e o poder da informação, uma vez que,

> as novas e poderosas tecnologias da informação podem ser colocadas a serviço da vigilância, controle e repressão por parte dos aparatos do Estado [...] Do mesmo modo [que], podem ser empregadas pelos cidadãos para que estes aprimorem seus controles sobre o Estado, mediante o exercício do direito a informações [...] (CASTELLS, 2000, p. 348-349).

O sexto capítulo, *A política informacional e a crise da democracia,* destaca o papel da mídia eletrônica na política contemporânea como um espaço democrático na Era da Informação. Outro ponto discutido é a evolução da mídia e a crise da democracia. Em relação a essa crise, o Estado-Nação perdeu parte de sua soberania, sendo incapaz de cumprir seus compromissos, abalado por um sistema globalmente interdependente e diante de informação e poder transorganizacional. Nesse sentido, Castells ressalta a *fragmentação do Estado, a imprevisibilidade do sistema político e a singularização da política.* Afirma que "as novas condições institucionais, culturais e

tecnológicas do exercício democrático tornaram obsoletos o sistema partidário existente e o atual regime de concorrência política [...]*"* (CASTELLS, 2000, p. 408). Conclui expondo que é necessário estimular o surgimento de uma *democracia informacional.*

No capítulo *Conclusão: a transformação social na sociedade em rede,* é assinalado os pontos principais discutidos ao longo do livro. Dessa forma, apresentaremos uma síntese dessas idéias:

- O Estado-Nação vem perdendo boa parte de sua soberania;
- A dissolução das identidades compartilhadas reflete a atual situação;
- Surge um mundo exclusivamente constituído de mercados, redes, indivíduos e organizações estratégicas, onde identidades não são necessárias;
- Observamos o surgimento de poderosas *identidades de resistência* que recusam o individualismo radical: movimento feminista, ambientalista, de liberação sexual;
- É necessário o surgimento de *identidade de projeto* potencialmente capazes de reconstruir uma nova sociedade civil e um novo Estado;
- Os elementos constitutivos da estrutura social na Era da Informação (globalização, reestruturação do capitalismo, formação de redes organizacionais, cultura da virtualidade real e primazia da tecnologia a serviço da tecnologia) são as causas da crise do Estado e da sociedade civil desenvolvidos nos moldes da era industrial;
- As comunidades de resistência lançam mão da tecnologia da informação para permitir a comunicação horizontal entre as pessoas;
- Os movimentos sociais pretendem utilizar a tecnologia para conquistar seus direitos;
- O poder não mais se concentra nas instituições (Estado), organizações (empresas capitalistas) ou mecanismos simbólicos de controle (mídia corporativa, igrejas), está difundido nas redes globais de riqueza, poder, informações e imagens;
- As identidades fixam as bases do poder, organizam resistência na luta informacional e constróem novos comportamentos e instituições;
- Cabe aos movimentos sociais fornecer novos códigos nos quais as sociedades podem ser repensadas e restabelecidas, portanto, são os sujeitos sociais da Era da Informação;
- Os dois tipos de agentes potenciais são: os *Profetas,* cujo papel implica emprestar uma face a uma insurreição simbólica, de modo que possam falar em nome dos rebeldes, indicando o caminho, sustentando os valores e atuando como emissores de símbolos; e *uma forma de organização e intervenção descentralizada e integrada em rede, característica dos novos movimentos sociais*, representando os verdadeiros produtores e distribuidores de códigos culturais;
- Surgem novos embriões de uma nova sociedade, atrelados ao poder da identidade.

A obra *O poder da identidade*, apresenta ainda apêndice metodológico, resumo do índice dos volumes I e II, bibliografia extensa e índice remissivo.

Em suma, ressalta o papel dos movimentos sociais e políticos, das novas tecnologias, da informação e da identidade, discutindo as mudanças da sociedade em rede frente à Era da Informação. Permite ao leitor refletir sobre questões acerca do Estado, do poder, da democracia, da mídia e da comunicação, da etnia, da ideologia, das lutas sociais e das resistências dela decorrentes. Apresenta um texto extenso e profundo acerca da sociedade atual, em torno de uma teoria concisa e de uma visão original e contemplativa das mudanças dessa nova sociedade. É uma obra exaustiva, tornando-se demasiadamente longa, com várias tabelas e pontos paralelos à discussão do poder da identidade, mas que por esse motivo, torna-se completa, embora aberta a complementações, visto que, a nova era está apenas com a ponta do *iceberg* a vista.

Alzira Karla Araújo da Silva
Aluna do Curso de Mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba